

O PROBLEMA DO MAL E A (IN)EXISTÊNCIA DE DEUS

THE PROBLEM OF EVIL AND THE (IN)EXISTENCE OF GOD

Wanessa Kelly Almeida Silva¹

RESUMO: Este artigo procura apresentar a concepção do mal, pautando-se na filosofia de William L. Rowe e Tomás de Aquino, acerca da (in)existência de um Deus. Uma das atividades mais buscadas e arquetizadas no âmbito da filosofia é justamente avaliar as crenças humanas, buscando principalmente esclarecer sob o viés conceitual, além de nortear a racionalidade e coerência, bem como levar em consideração que diversos argumentos sobre a existência do mal foram apresentados em diversas épocas. Diante desse contexto, busca-se indagar acerca da existência ou não de um Deus, para compreender o mal. É possível a coexistência do mal e da figura divina de um Deus? É possível observar que há um problema filosófico, e nessa toada, estão envolvidas questões conceituais e sobre o valor, a coerência e a racionalidade da crença, qual seja: o problema do mal. Ainda é tido como problema aberto. Hasker traz a lume perguntas como “Se Deus existe, por que há tanto mal no mundo?”, indo mais adiante apontando que há argumentos para o ateísmo baseado justamente na existência do mal, e que pode justificar alguém ser ateu. Ademais, aduz que há necessidade de considerar e distinguir o sentido estrito e um sentido amplo dos termos “teísta”, “ateu” e “agnóstico” para somente depois considerar o argumento do mal. Ao passo que Tomás segue a leitura agostiniana acerca do mal, e nesse sentido compreende como uma deficiência ou carência do ser, o mal só existe ante a ausência de um bem, sendo portanto não substancial o mal. Assim, o problemado mal trata-se da ausência do Bem supremo que é o próprio Deus. Além do mais para Aquino o mal é associado ao pecado original. A existência de Deus para os autores não deve está pautada na ideia do mal, mas sim no bem, a compreensão do bem, visto que o bem é o ser, é existencial, sendo o mal inexistente em sua essência, tão somente se apresentando quando da ausência ou carência do bem.

PALAVRAS-CHAVE: Problema do Mal. Racionalidade. Crença. William L. Rowe . Tomás de Aquino.

ABSTRACT: This article seeks to present the conception of evil, based on the philosophy of William L. Rowe and Thomas Aquinas, about the (in)existence of a God. One of the most sought after and planned activities in the field of philosophy is precisely to evaluate human beliefs, seeking mainly to clarify under the conceptual bias, in addition to guiding rationality and coherence, as well as taking into account that several arguments about the existence of evil were presented in different eras. Given this context, we seek to inquire about the existence or not of a God, in order to understand evil. Is the coexistence of evil and the divine figure of a God possible? It is possible to observe that there is a philosophical problem, and in this tone, conceptual questions are involved and about the value, coherence and rationality of belief, that is: the problem of evil. It is still considered an open problem. Hasker, brings up questions like “If God exists, why is there so much evil in the world?”, going further pointing out that there are arguments for atheism based precisely on the existence of evil, and that it can justify someone being an atheist. Furthermore, he argues that there is a need to consider and distinguish the strict sense and a broad sense of the terms “theist”, “atheist” and “agnostic” and only then consider the argument from evil. While Thomas follows the Augustinian reading of evil, and in this sense understands it as a deficiency or lack of being, evil only exists in the absence of good, and therefore evil is non-substantial. Thus, the problem of evil is about the absence of the supreme Good which is God himself. Moreover, for Aquinas, evil is associated with original sin. The existence of God for the authors should not be based on the idea of evil, but on good, the understanding of good, since good is being, it is existential, and evil is non-existent in its essence, only presenting itself when the absence or lack of the good.

KEYWORDS: Problem of Evil. Rationality. Belief. William L. Rowe . Tomás de Aquino.

1 Doutoranda em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISSINOS. Mestra em Gestão Empresarial pelo Centro Universitário UNIFBV WYDEN. Pós Graduada em Direito Processual Penal (2015). Graduada em Direito pelo Centro Universitário Vale do Ipojuca (2012). Promotora de Justiça do Estado de Pernambuco - Procuradoria da República no Estado de Pernambuco. Coordenadora da Circunscrição Ministerial de Limoeiro - Procuradoria da República no Estado de Pernambuco e Professora para concursos MPS - MEGE,. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Fundamentos do Processo Civil Contemporâneo (FPCC), liderado pelo Prof. Dr. Hermes Zaneti Jr. Atuou como advogada da Fundação de Atendimento Socioeducativo na cidade de Caruaru, como conciliadora voluntária do Projeto Escola Legal do TJPE e mediadora voluntária da Favip.

INTRODUÇÃO

O contexto humano vivenciado no último século, é possível observar que o problema do mal cada vez mais, tem sido uma dificuldade para o ser humano, posto as diversas manifestações do mal nas mais diversas civilizações, bem como todo o sofrimento abarcado.

Diante dos novos cenários, é possível observar que cada vez mais o ser humano questiona a existência de Deus, assim sendo colocando em risco toda uma afirmação da existência de um ser onipotente e onisciente, ao passo que a doutrina tomástica traz a lume a necessidade de alocar a existência do bem, e em sua ausência a presença do mal, a existência de Deus, que não pode ser considerada apenas do ponto de vista da inexistência do problema do mal, uma vez que há demasiadas questões a serem consideradas, como ocorre com a situação do livre arbítrio.

Os argumentos que vem a baila para a demonstração da inexistência de Deus é justamente a figura do problema do mal, assim os argumentos apresentados dão conta que se houvesse a existência de Deus, o bem, o mundo criado seria melhor.

Assim, para que haja o problema do mal, se faz necessário a ausência de Deus ou sua inexistência. Em contrapartida, ao explicar a existência do mal, Tomás de Aquino (2005) apresenta a precedência ontológica do bem, desta feita, o pensamento tomista norteia-se ao conceber a existência do bem como fonte substancial, e a partir daí o mal será caracterizado com a ausência do bem, ou seja, a ausência ou carência do bem.

Nesse viés, acerca do mal e existência de Deus, como seria possível acreditar em um Deus bom, quando observa-se no mundo tanta devastação, as guerras, intolerâncias e tanto sofrimento? Ainda mais, como seria possível que poderia ficar inerte a tantas situações desumanas e degradantes sem agir?

Em uma vertente Tomás de Aquino (2005) traz a lume a existência de Deus, pautando sua crença ao indicar que tudo o que existe agora pode deixar de existir e que também houve um momento em que nada existia e que foi necessário ser criado.

Tomás de Aquino (2003) portanto é guiado pelos ensinamentos da Tradição cristã, e assim sendo, observa os passos dos ilustres pensadores que o antecederam, e nesse sentido, as teses de Santo Agostinho (2010). Assim, como já exposto, considera-se o mal não como uma substância, mas como ausência da substância, que é o bem devido, portanto, sempre ao mencionar o mal faz sempre a referência ao bem: “o mal é apenas privação do bem, privação cujo último termo é o nada” (Confissões III,7; 2010, p. 50)

Para o filósofo e a doutrina tomástica, para que o mal seja explicado, ele está subordinado ao próprio bem, ou seja, a ausência do bem. Ao tratar a questão do mal para a existência de Deus, há necessidade de se admitir que um Ser deu existência às coisas, e para isso, o Ser criador teria que ser eterno e também ser a causa necessária de tudo que existe, portanto este Ser é Deus, que criou o bem. Ademais, Tomás aponta que Deus é ato puro de existir, sendo simples e não composto de nada.

Tomás de Aquino ((2005) argumenta que todas as coisas são boas porque elas imitam, de algum modo, a bondade de Deus, assim não existe nenhuma contradição entre a afirmação que Deus é bom e a afirmação de que há mal no mundo. A bondade de Deus não está ligada a nenhuma lei moral ou bondade moral. Deus é bom porque é perfeito e a causa da bondade na criação.

Aponta que a origem do mal no mundo se dá em razão da aversão do demônio que se rebelou contra Deus e persuadiu o homem a pecar, assim para Tomás de Aquino (2005) Deus criou o homem comunicando graças e dons que o elevaria à perfeição do espírito. Deus é bom independente da realidade do mal no mundo. Assim, Tomás indica:

... portanto, se a primeira bondade é que faz todos os bens, necessariamente imprime a sua semelhança nas coisas que faz; e assim cada um (cada ser) diz-bom graças à forma que lhe é dada (imprimida, inerente) à semelhança do sumo bem e além disso pela bondade primeira, exemplar e causa eficiente de toda a bondade criada. Quanto a isto, a opinião de Platão pode defender-se. Nós também dizemos, segundo a opinião comum, que todos os seres criados (criaturas) são bons de bondade formal, graças à forma (De Veritate, 21. 4).

Doutra banda William L. Rowe (1979), aponta que há argumento para o ateísmo baseado justamente na existência do mal, e que racionalmente justifica alguém ser um ateísta, e que o forte argumento para o ateísmo é baseado na existência do mal.

Assim, alguns filósofos apontam a existência do mal, uma vez que é logicamente inconsistente com a existência do Deus teísta. Ao passo que outros apontam que embora “talvez não seja logicamente inconsistente com a existência do Deus teísta, fornece, não obstante, uma base racional para o ateísmo.” Afirma William L. Rowe (1979):

Considere novamente o caso do sofrimento do cervo. É razoável acreditar que há algum bem maior tão intimamente conectado com esse sofrimento que mesmo um ser onipotente e onisciente não poderia realizá-lo sem permitir esse sofrimento ou algum mal pelo menos tão mau? Certamente, não parece razoável acreditar nisso. Nem parece ser razoável acreditar que há algum mal pelo menos tão mau quanto o sofrimento do cervo tal que um ser onipotente simplesmente não poderia tê-lo impedido sem permitir o sofrimento do cervo. Mas mesmo se fosse de algum modo razoável acreditar em uma dessas coisas relacionadas com o sofrimento do cervo, temos então de perguntar se é razoável acreditar em uma dessas coisas a respeito de todos os casos de sofrimento humano e animal que ocorrem diariamente em nosso mundo e que aparentemente não têm propósito algum. (ROWE, 1979, p. 335)

William L. Rowe (1979) aborda ainda a necessidade de focar em um sofrimento humano e animal intenso, que é um caso de mal, e justifica o ateísmo, conforme ele, pois se “s1 um caso de sofrimento humano ou animal intenso que um ser onisciente e totalmente bom impediria. Vamos supor também que as coisas são tais que s1 ocorreria a não ser que fosse impedido pelo ser onisciente e totalmente bom”.

Diante desses dois pensamentos filosóficos antagônicos que abordaremos neste artigo, para justificar a (in)existência de Deus, observando-se de modo direto o teísmo e o ateísmo.

1 O PROBLEMA DO MAL E O TEÍSMO

Demasiados argumentos acerca da existência do mal foram apresentados em diversas épocas, em momentos centrada em Deus e outra no homem. Dimana que quando centrada em Deus, pode-se verificar os seguintes apontamento: Deus é bom, tudo o que existe é bom e o mal não existe; o mal existe e Deus está na batalha contra o mal; Assim sendo, Deus não pode agir errado, ao passo que ao a outra face, verificar o ser humano, a bondade seria de menor valor.

Após diversos estudos filosóficos, o problema do mal sempre despertou dúvidas e curiosidade ao que concerne sua origem e seus efeitos diante da humanidade. O “mal decorre da limitação e imperfeição da criatura e dele é possível tirar um bem maior que gere novos virtudes e méritos pela superação das condições adversas. O mal ensina os homens a obedecerem aos próprios limites” [...] (CARVALHO, 2016, p. 24).

O problema do mal é a questão de como conciliar a existência do mal com o de uma divindade. Em todos os tempos, lugares e épocas a teologia, a filosofia e também as ciências apontam: o que é o mal? Porque o mal existe? Assim, Agostinho (2006), talvez seja o filósofo que mais estudou, refletiu e enfatizou as consequências do pecado original.

Em sua obra *A natureza do bem*, afirma que, “o pecado não consiste no apetercer uma natureza má, e sim na renúncia de outra, superior, de sorte que o mal é essa mesma preferência, e não a natureza de que abusa ao pecar. O pecado consiste, portanto, em usar mal o bem”. (AGOSTINHO, 2006, p. 49).

Agostinho (2010) sustenta que o homem é livre e deve fazer o bem e se isso não acontecer, ele será o responsável. Assim sendo, a responsabilidade pela prática do mal, é da responsabilidade do homem, que escolhe agir livremente, atravésdo livre arbítrio.

O pecado consiste, portanto, em usar mal o bem”. (AGOSTINHO, 2006, p. 49). Assim, o homem é livre e deve fazer o bem e se isso não acontecer, ele será o responsável, é da responsabilidade do homem, que escolhe agir livremente.

Tomás de Aquino (2005) na mesma toada, argumenta que somente podemos entender o mal em relação ao bem, porque o mal não existe. Por isso, somente o bem pode causar o mal. Ele explica,

O mal é causado pelo bem de duas maneiras. O bem é causa do mal na medida em que é defeituoso; de outro modo acidentalmente. O que facilmente se vê (lit.; aparece) nas coisas da natureza; com efeito, a causa do mal que é a corrupção da água é a força ativa do fogo. Esta (a força do fogo), de si, não visa principalmente que não haja (deixe de haver) água, ela tende principalmente a inserir na matéria a forma do fogo, do que resulta necessariamente não haver água; é acidentalmente que o fogo faz com que não haja água. Mas a causa do mal que é um parto monstruoso derivada deficiência

do sêmen (semente). Mas se se inquirir a causa do defeito do mau sêmen, ele resulta de algum bem que acidentalmente se torna causa do mal e não enquanto é defeituoso. A causa do defeito do sêmen é algum princípio modificante, que introduz uma qualidade contrária à qualidade que se requer para o bem do sêmen. Quanto mais perfeita for a força modificante, tanto mais induzirá (introduzirá) a qualidade contrária, e, conseqüentemente, o resultante defeito do sêmen. Pelo que o mal do sêmen não é causado pelo bem enquanto defeituoso; é antes causado, acidentalmente, pelo bem enquanto é perfeito. (AQUINO, 2005, p. 165)

Alguns estudos filosófico apontam que um tipo do mal no mundo é a atividadeboa de uma coisa contra uma outra coisa. A título de exemplo arguem que o “fogo destrói a água não porque é mal, mas exatamente porque é bom e atualiza sua natureza, que tem a força aquecer a água até à sua vaporização.”

Nesse sentido, faz parte da própria essência, o fogo só faz isso por ser desua própria atividade, que é de ser fogo. Da mesma maneira em relação ao sofrimento no ser humano, quando uma pessoa sofre uma queimadura, o fogo causa a privação da saúde da pessoa, mas somente por ser de sua natureza.

É possível observar que muitos argumentos são apresentados ao que concerne a origem do pecado e do mal. Para Agostinho (2010), o pecado é “o que é dito, feito ou desejado contra a lei eterna” (PEDRO, 2014, p. 26).

Ao passo que Tomás de Aquino (2001) trouxe em sua obra a síntese entre o cristianismo e o aristotelismo, aduzindo: “muitos dos nossos contemporâneos perguntam: se é verdade que Deus existe, como é possível que permita o mal”? (PEDRO, 2014, p. 27). A verdadeira liberdade do homem coincide com a ação agraciadora de Deus.

O filósofo Tomás de Aquino (2005) aborda que o melhor nome que identifica o mal para o cristianismo, é o chamado pecado associado com o mal moral de forma direta, pois este mal “se dá no contexto da liberdade e da responsabilidade humanas, como conseqüência de ações assentadas nos juízos da razão e na anuência da vontade” (FAITANIN, 2006, p. 109)

Assim “não podemos responsabilizar a Deus pelo mal, enquanto este implica uma defecção propriamente dita; Deus não causa senão o bem e o ser” (AQUINO apud GILSON & BOEHNER, 2007, p. 467).

Ao ser revelado como algo atraente, o mal pode parecer portanto suprir o sujeito do bem de que carece, “contudo, mesmo nos casos em que pretende aparentar um bem, o mal sempre acarreta sofrimento” (FAITANIN, 2006, p. 113-114).

Considerando que o bem é existencial e consistente no ser, o mal é inexistente, figurando apenas e tão somente quando da ausência do bem, a existência de Deus está pautada na essência existencial do bem e não na ideia de justificar o problema do mal, mas sim pautar-se na existência do bem.

2 O PROBLEMA DO MAL E O ATEÍSMO

Outros autores, apontam a inexistência de Deus, pautando como argumento o problema de evidência do mal, e assim sendo procura mostrar que a existência do mal, embora seja racionalmente consistente com a existência de Deus, conta contraprobabilidade da verdade do teísmo.

Uma versão de William L. Rowe (1979): “Existem casos de sofrimento intenso que um ser onipotente e onisciente poderia ter evitado sem, com isso, perder algum bem maior ou permitir algum mal igualmente mau ou pior.”

Ademais, acrescenta: “Um ser onisciente e totalmente bom evitaria a ocorrência de qualquer sofrimento intenso que pudesse, a menos que não pudesse fazê-lo sem perder algum bem maior ou permitir algum mal igualmente mau ou pior. (Portanto) Não existe um ser onipotente, onisciente e totalmente bom.”

Assim, William L. Rowe (1979) indica que “ser um teísta no sentido estrito é também ser um teísta no sentido amplo, mas é possível ser um teísta no sentido amplo – como o foi Paul Tillich – sem acreditar que há um ser sumamente bom, onipotente, onisciente e eterno que criou o mundo.”

Para ele ainda “distinções similares podem ser feitas entre um sentido estrito e um sentido amplo dos termos “ateu” e “agnóstico”. Ser um ateu em sentido amplo é negar a existência de qualquer tipo de ser divino ou de realidade divina.”

O argumento para o ateísmo baseado na existência do mal será seria necessário um mal particular, e esse sofrimento intenso é claramente um caso de mal. Assim, se o sofrimento intenso leva a algum bem maior, um bem que não alcançariamos sem experienciar o sofrimento, o sofrimento é justificado, entretanto ele não deixaria de ser um mal.

Assim, Tomás de Aquino (2005), seguindo a doutrina agostiniana, aborda justamente que há existência do bem, e que seu oposto é o mal, e que o mal não pode possuir nem forma e nem ser, uma vez que o mal não é algo substancial, mas sim o bem que é substancial, e ante sua ausência que se apresenta o mal, que é portanto uma espécie de não-ser.

Ao passo que para William L. Rowe (1979) “o que é um mal em si mesmo pode algumas vezes ser bom como um meio porque conduz a algo que é em si mesmo um bem. Nesse caso, mesmo permanecendo um mal em si, o sofrimento humano e animal intenso é, não obstante, um mal que alguém poderia estar moralmente justificado em permitir.”

Em contrapartida, as doutrinas tomásticas e agostinianas, abordam de forma concisa que o bem é substancial e existente, ao passo que o mal é o não-ser, não sendo possível o considerar como existente e nem como bem, mas sendo portanto apresentado e caracterizado somente na ausência do bem. Assim, a existência de Deus está amparada uma vez que não se condiciona a explicação do mal, uma vez que este não é substancial, diferindo do bem, que é o ser e existencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos, estudos realizados na área da filosofia, buscam entender o problema do mal e a existência de Deus, assim as desgraças e o aumento do mal, da dor e do sofrimento justamente tem feito com que os homens questionem a existência de Deus, principalmente ao que concerne ser onibenevolente.

Assim sendo, o problema do mal é um argumento poderoso contra a existência de Deus, e aqueles que aduzem nesse sentido apontam que se o mal, a dor e o sofrimento existem no mundo, significa que Deus não existe. Assim, é possível observar diante dos estudos, o problema do mal não possui resposta satisfatória.

O presente artigo aponta as duas vertentes, e seguindo a linha do filósofo Tomás de Aquino (2005), que na realidade a existência do mal no mundo não nega a afirmação de que Deus é bom, uma vez que o mal não é existente, pairando na figura do não-ser, somente emergindo quando da ausência do bem, portanto o mal não tem natureza.

Tomás de Aquino (2005) aponta Deus como perfeito em si mesmo e o criador de tudo que existe, e nesse sentido, uma concepção do bem como a perfeição, e Deus é bom, não entra em conflito com a realidade do mal no mundo. Portanto, Deus não causa o mal, Ele é somente o bem. Ademais, em Santo Tomás, o problema do mal recebe uma explicação que resolve a tensão entre as proposições de se Deus é bom e existe o mal no mundo.

Assim, para os que acreditam em um Deus todo poderoso, onisciente, onibenevolente e onipresente, o questionamento versa acerca da origem do mal, e os seguintes questionamentos: o mal seria uma invenção de Deus para punir os homens pela desobediência ou é uma condição existencial inerente à condição humana?

Pensadores teístas afirmam que o pecado original tem um papel fundamental na introdução do mal no mundo e na ocultação de Deus, quando Deus deu o livre arbítrio, colocando aos homens a capacidade de escolher entre, fazer e praticar o bem, ou então, escolher e praticar o mal, ausência do bem no ser.

Conforme Tomás de Aquino (2005) e a doutrina agostiniana o mal é a ausência do bem, portanto o mal não sendo uma substância, não é realidade positiva, estando nas coisas não como algo real. Somente o bem tem substância, o mal é a privação do bem, e a existência de Deus é pautada na existência do bem, criado substancialmente e o mal é na verdade uma ilusão, imaginário, devendo ser sempre ignorado, posto que o mal se manifesta ante a ausência do bem particular do ser amparado em seu livre arbítrio.

A existência de Deus para os filósofos Tomás de Aquino (2005) e Agostinho (2010) não deve estar pautada na ideia do mal, mas sim no bem, a compreensão do bem, visto que o bem é o ser, é existencial, sendo o mal tão somente a ausência ou carência do bem.

O mal não é um ser e não está na natureza conforme aponta Tomás de Aquino (2003), o mal é portanto a ausência de algo existencial (o bem), o mal não é nem essência e tampouco

realidade.



REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**: De magistro. 2ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

_____. **Confissões**. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2010.

_____. **A Natureza do Bem**. Rio de Janeiro: Sétimo selo, 2006.

AQUINAS, Thomas. **On Evil**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

AQUINO, Santo Tomás de. **Sobre o Mal**. Tradução Carlos Ancêde Nougé; Apresentação Paulo Faitanin. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005. Tomo I.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Vol. I. São Paulo: Edições Loyola, 2001.(Abreviação: ST).

_____. **Opera Omnia**. Disponível em: <<http://www.corpusthomaticum.org>>. Acesso em: 03.12.2022.

CARVALHO, Laércio. **Nas asas do pensamento**: Deus além dos limites da evolução. - Clube de Autores: Joinville/SC, 2016. 82p.

32 FAITANIN, P. **O Mal como privação do Bem em Santo Tomás de Aquino**. In: Aquinate. nº. 2, 2006, pp. 106-134.

GILSON, E.; BOEHNER, P. **História da Filosofia Cristã**. Petrópolis: Editora Vozes, 10ª ed., 2007.

HASKER, William. 2004. **Providence**. Evil and the Openness of God. Taylor & FrancisLtda.

PEDRO, Severino. **A doutrina do pecado**. 1ª edição. – CPAD Editora, Rio de Janeiro, RJ, 2014.336p.

ROWE, William L. (1979). **O problema do mal e algumas variedades de ateísmo**. American Philosophical Quarterly. 16: 336–37. Wikipedia - Enciclopédia site:ao.wikiqube.net

ROWE, William L. (1979). **The Problem of Evil and Some Varieties of Atheism**. *American Philosophical Quarterly* 16 (4):335 - 341.